Guimarãis, 20 de Janeiro de 1940 Ano I — N.º 42

O Ressurgimento

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Emprêsa Editora Vimaranense

A' MARGEM

AINDA HA POUCO aqui focamos a urgência de se arranjar a igreja de S. Domingos.

Não é concebível que os forasteiros que nos venham visitar por ocasião das Festas Centenárias a encontrem no mesmo estado em que hoje se encontra. Assim não pode ficar. Manda-o o brio da gente vimaranense. Com um pouco de vontade de trabalhar e firmeza no desejo de se conseguir alguma cousa, talvez acabe êste estado de cousas e se consiga o restauro desta bela Igreja. A sua capela-mor, que era muito pequena, foi demolida e desilegantemente aumentada quási que do tamanho do comprimento da nave. Como a capela-mor, dum perfeito gótico, da Igreja de S. Francisco, se encontra completa, não seria interessante restaurá-la na sua pureza primitiva, passando o seu altar para a Igreja de S. Domingos?

JÁ SE DEVE ENCONTRAR, por ocasião das comemorações centenárias, restaurada a capela de S. Miguel do Castelo, conhecida por Igreja de Santa Margarida. Restaurada pela primeira vez por Francisco Martins Sarmento é agora o segundo restauro que sofre. Colocaram-lhe, na porta de entrada, um tímpano liso, que lhe dá um aspecto desagradável. Cremos ser possível gravar-lhe ou um *Agnus Dei* ou uma singela cruz de malta, aquêle que encontramos em quási tôdas as nossas Igrejas românicas, esta que se encontra como motivo nesta mesma Igreja de S. Miguel.

Desconhecemos as razões que levaram a demolir a sua tôrre sineira; tôdas as igrejas que conhecemos a têm e colocada na mesma posição. Parece-nos até incompleto assim, o momento.

DO CONJUNTO DO RESTAURO desta Igreja de S. Miguel do Castelo faz parte a pavimentação em ladrilhos a tôda a sua volta, que antigamente era alpendrada. Quando da domolição da sua sacristia foram retiradas e guardadas na Sociedade Martins Sarmento algumas pedras tumulares que se encontravam junto à Igreja. Agora que andam ladrilhando a antiga parte alpendrada, não seria mais verdadeiro colocá-las nos seus lugares dando mais realidade ao restauro? Achamos que tudo lucra em realidade e valor nos seus primitivos lugares. O museu tira-lhe a vida, uniformiza tudo.

Direito ao trabalho

PORQUE defendemos o princípio da coordenação e conciliação dos interêsses económicos da Nação? Justamente para que o conjunto das actividades nacionais tenha unidade verdadeira e uma finalidade mais alta, no sentido de obedecer à justiça e ao bem-estar para todos.

Mas para que êsse princípio tenha o poder de se efectuar, à consciência de cada português de boa-fé pomos êste problema: todo o homem válido tem direito ao trabalho e ao salário familiar.

Assim, queremos o trabalho para todos os portugueses como um dever de solidariedade social e um direito natural — e jàmais como uma licença. Querêmo-lo como função socialmente útil e eminentemente humana. Querêmo-lo como instrumento de paz e não como fermento de lutas. Querêmo-lo como poder e não como artigo de compra e venda, como tráfico indigno. Querêmo-lo como garantia das exigências normais da vida e não como escravidão ou objecto de vergonha. Querêmo-lo «como manifestação necessária e inseparável da pessoa humana e, portanto—como no-lo ensina o dr. Marcelo Caetano nas suas admiráveis *Lições de Direito Corporativo*—, digno de protecção que a eminente dignidade desta impõe». Não o queremos como uma necessidade relativa ou condicional, mas absoluta e intangível, pois dela depende a sustentação da mulher e dos filhos, a conservação e a transmissão do lar. Não o queremos como favor ou caridade, mas como acto de direito e justiça, — porque só assim regressará ao seu verdadeiro e puro conceito e à sua função própria.

Nunca tanto como agora necessitamos sustentar que não queremos como realização *possível* aquilo que tem de ser realização *viva*.

E' por isso preciso dar ao trabalhador — e aqui se firma um dos grandes problemas dos nossos dias — garantias efectivas e reais, assegurando-lhe, pelo menos, um limite mínimo indispensável à sua vida e à sua dignidade de pessoa humana.

Por outro lado, se, como é facto, o trabalho desgasta e consome tôdas as energias ao homem, justo é que êste tenha compensações na doença, na invalidez, na velhice, e até que se lhe garantam pensões de reforma. Tal é, êsse, o sentido, a razão suprema da sua utilidade social.

Aí está por que nós queremos o trabalho nos seus direitos, nos seus direitos queremos a pessoa do trabalhador. Não é um problema novo que desejamos ver resolvido: é um problema vélho com modalidades novas, problema que, aliás, envolve uma concepção nova do mundo e da vida.

Mas é tempo de preguntar a nós mesmos: temos de estabelecer um limite máximo aos direitos no trabalho? Necessàriamente. Esse poder termina onde nascem as obrigações do trabalhador, — o que quere dizer que cada direito, seja êle qual for, tem de ser exercido em relação às necessidades sociais e demarcado pela moral.

Pena é que nem todos os indivíduos compreendam o alcance das nossas reivindicações, porque então deixar-se-ia não só de condenar o direito ao salário familiar, como de lançar injúrias quando proclamamos um direito natural; o direito à vida — manifestado no direito ao trabalho.

E depois, não basta condenar o comunismo: é preciso fazer alguma cousa que corresponda a essa condenação. E essa alguma

(Continua na 3.ª página)

A' MARGEM

COM A CONSTRUÇÃO do novo alinhamento do muro do Asilo de Santa Estefânia voltado para o Paço dos Duques de Bragança e Guimarãis fica esta cidade na posse dum esplêndido miradouro, beneficiando além disso os mesmos Passos. Se o muro tivesse sido erguido com uma forte inclinação deixaria de ter ao longe o aspecto desagradável que os grandes muros verticais têm. Visto dêste miradouro, agora mais do que nunca se nota a necessidade de demolir quanto antes o edifício em construção para o novo Paço do Concelho. Sabido como é o desejo de Salazar e do govêrno de o ver demolido, como sabido é também não vir ajuda alguma do poder central — por que se espera?

FAZ PARTE DO PROGRAMA das comemorações centenárias em Guimarãis uma reconstituïção da vida medieval, tendo como fundo a nossa Rua de Santa Maria e ruas e largos juntos.

Para isso se torna o enquadramento desses largos num melhor conjunto e verdade. A Praça de S. Tiago ficaria melhor sem aquêle ajardinado que destoa e prejudica imenso um conjunto que bem tratado seria motivo interessante para o forasteiro.

O piso da rua de Santa Maria encontra-se muito danificado.

A construir-se um novo é conveniente que se faça com segurança, deixando de ser assente na terra simples para não acontecer o mesmo que a êste.

O nosso jornal

Vai proceder-se à cobrança do 4.º trimestre. Pede-se a quem se encontra ainda em atraso para satisfazer os seus débitos de maneira a ficar com as contas actualizadas.

Mal sabem as complicações e dificuldades que originam com essas demoras nos nossos serviços administrativos. Isto para os que de boa vontade se prontificam a ajudar-nos, o que agradecemos; para os outros, saberemos usar doutros processos.

DA CIDADE

VIDA CATÓLICA

3.º Domingo depois da Epifánia

Evangelho (Mat., VIII, 1-13). — Depois que Jesus desceu do monte, muita gente o acompanhou. E eis que vindo um leproso, o adorava, dizendo: «Se quiseres, Senhor, podes limpar-me». E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: «Pois eu quero. Fica limpo». E logo ficou limpa tôda a lepra. Então lhe disse Jesus: «Vê não o digas a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote, e faze a oferta que ordenou Moisés, para lhes servir de testemunho a êles». E, tendo entrado em Carfanaum, chegou-se ao pé dêle um centurião, fazendo-lhe esta súplica e dizendo: «Senhor, o meu criado jaz em casa doente duma paralisia, e padece muito com ela». E Jesus respondeu-lhe: «Eu irei, e curá-lo-ei». E, respondendo o Centurião, disse: «Senhor, eu não sou digno de que entres na minha casa: porém manda só com a tua palavra, e o meu criado será salvo. Pois também eu sou homem sujeito a outro, que tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: Vai acolá, e êle vai; e a outro: Vem cá, e êle vem; e ao meu servo: Faze isto, e êle o faz». E Jesus, ouvindo-o assim falar, admirou-se, e disse para os que o seguiam: «Em verdade vos afirmo que não achei tamanha fé em Israel. Digo-vos porém que virão muitos do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão e Isac e Jacob no reino dos céus; e os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá chôro e ranger de dentes». Então disse Jesus ao Centurião: «Vai, e faça-se segundo tu crêste». E naquela mesma hora ficou são o criado.

Homília. — Todos nós sabemos quanto a oração é necessária. Mas quem é que sabe orar? Entre os cristãos uns não oram, outros oram mal. E contudo as nossas necessidades são imensas; somos doentes; pecadores miseráveis, verdadeiros mendigos. Ora neste Evangelho encontramos um duplo exemplo da oração perfeita e verdadeiramente digna de ser ouvida. Oxalá pudessemos orar como êste pobre leproso e como êste humilde centurião!

Vêde com que humildade êste leproso se prosta aos pés de Jesus e o adora! O Centurião, igualmente se mostra tam humilde que mal ousa dirigir-se a Jesus e confessa-se indigno de o receber em sua casa. Vêde o leproso: fé plena na bondade e no poder de Jesus; o Centurião, acredita que Jesus é Deus todo poderoso e que basta uma só palavra sua, um só acto da sua vontade para curar o seu criado. Tanto um como outro acreditam firmemente que Jesus pode tudo. Temos nós uma fé assim?

O leproso disse a Jesus *si vis potes*... a sua confiança no poder de Jesus não podia ser maior. Entrega-se completamente nas mãos de Deus e sujeita-se à sua vontade. A confiança do Centurião na bondade de Jesus, é igualmente tam perfeita que se contenta com expor-lhe o estado lamentável do seu criado sem nada pedir. Nada há que agrade tanto a Jesus como esta confiança absoluta e êste abandôno tam filial à sua vontade.

Jesus disse ao leproso: *Volo, mundare;* e ao Centurião: *Sicut credidisti, fiat tibi!* Por esta forma Jesus os recompensa e nos mostra quanto lhe agradou a sua oração e quanto são grandes a sua bondade e o seu poder.

Já que nós, meus irmãos, somos cheios de pecados e outros males, procuremos muitas vezes a Jesus com a mesma humildade, a mesma fé, a mesma confiança e o mesmo abandôno que o leproso e o Centurião... Jesus, infinitamente bom e poderoso, terá piedade de nós e conceder-nos-á tôdas as graças que nos são necessárias. Amen.

Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense

Sessão da Direcção

Sob a presidência do sr. Manuel Gomes de Oliveira, reuniu no dia 15 do corrente, pelas 20 e meia horas, a Direcção da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense, secretariado pelo sr. João da Silva, estando presentes o sr. tesoureiro e demais directores, bem como Conselho Fiscal. Depois de lida a acta da sessão anterior, pelo sr. Cartorário, que foi aprovada, deu-se despacho a vário expediente. Entre êle, foi deferido o requerimento de tutelagem n.º 189, por estar de harmonia com o disposto na alínea 1 do artigo do R. Interno.

Foram presentes os requerimentos de tutelagem n.º 1901 e 191, os quais ficaram presentes para averiguações.

O sr. Presidente expõe em seguida à Direcção os motivos porque de harmonia com o secretário, tesoureiro e presidente do Conselho Fiscal não foi pago o subsídio ao sócio n.º 9828 pelo falecimento de uma sua filha de maior idade, e que faleceu no hospital, visto não se encontrar ao abrigo do artigo 1.º, resolução que por todos foi aprovada.

Comunicou também que sendo urgente a confecção de caixões para a S. Funerária, tinha-se comprado madeira necessária para os mesmos e contratado a título provisório um carpinteiro para os confeccionar.

Comunicou igualmente, que após a posse, e acompanhado do secretário e P. do C. Fiscal apresentou cumprimentos à imprensa local.

Lembra a necessidade de reunir nesta sede todos os cobradores, sendo marcado o dia 18, pelas 18 e meia horas, para êsse fim.

Igualmente apresenta uma sugestão para um maior desenvolvimento do meio associativo nas freguesias, mais sendo resolvido que a Direcção se vá avistar com o Ex.mo Arcipreste Rev.mo Mons. João Ribeiro para êsse fim.

Foi resolvido fazer uma pequena reparação na carrêta e em alguns pertences da secção funerária, bem como imprimir uns mapas para registo dos serviços clínicos prestados pelos médicos desta Associação aos associados, os quais serão entregues na secretaria mensalmente.

Por fim foi resolvido comprar-se diversos artigos necessários para a secretaria e limpeza, etc.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão às 23 horas.

NOTICIÁRIO

Vida católica

E' amanhã que se realiza a anunciada festa a S. Sebastião. Se o tempo o permitir sairá de tarde, da igreja de S. Dâmaso a procissão que percorrerá o itinerário costumado.

*

N freguesia de Mascotelos realiza-se, amanhã também, a tradicional festa de Santo Amaro, que sempre tem sido muito concorrida.

*

A Câmara Eclesiástica confirmou a mesa da Confraria do SS. Sacramento, da freguesia de S. Martinho de Sande: juiz, António da Silva; secretário, Artur Marques; tesoureiro, António da Silva; procurador, Manuel Xavier da Costa.

Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, da freguesia de S. Paio:—Prior, António de Freitas Ribeiro; vice-prior, José Luiz de Pina; secretário, Armando Humberto Gonçalves; vigário do culto, padre António da Costa Pereira Guimarãis; tesoureiro, Francisco Pereira da Silva Quintas; vogais, Alberto da Cunha e Castro, António da Silva Xavier, José Pinto de Oliveira e Manuel da Cunha Machado.

Gado abatido

Nos matadores do concelho foram abatidos durante o mês de Dezembro: Guimarãis — 71 bois; 149 vitelas; 78 suinos e 186 caprinos.

Vizela—21 bois; 31 vitelas, 25 suinos e 54 caprinos.

Taipas — 9 bois; 9 vitelas; 35 suinos e 33 caprinos.

Fora dos matadouros — 1 vaca e 55 suinos.

Falecimento

Em Creixomil faleceu o sr. António Fernandes, irmão do sr. Joaquim Fernandes e sobrinho do sr. Joaquim Fernandes Marques.

A' família, as nossas condolências.

Sociedade

Encontra-se entre nós, vindo de Beja, o sr. Paulino Lôbo, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

— Tem estado um pouco doente o menino Antero, filho do sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas.

— Já se encontra um pouco melhor a ex.ma espôsa do sr. Aníbal Augusto Martins Júnior, ilustre funcionário do I. N. T. P. em Guimarãis.

Movimento hospitalar no mês de Dezembro de 1939

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 263; receitas abonadas a doentes externos, 193; parturientes recolhidas, 9; Crianças nascidas 7, sendo 4 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês de Novembro, 113; doentes entrados durante o mês de Dezembro, 129; saídos: curados, 116; melhorados, 49; no mesmo estado, 6; falecidos, 9.

Ficaram existindo no último dia do mês de Dezembro, 62; banhos dados no balneário, 117; operações de grande e pequena cirurgia, 45; curativos feitos no Banco, 1.428; oftalmologia: curativos, 535; injecções aplicadas, 1.408; sessões de Raios Ultra-violetas, 343; sessões de Diatermia, 154; sopa a pobres de S. Paio, 48; Donim, 217.

Hospital António Francisco Guimarãis

Consultas no Banco, 31; doentes existentes no último dia do mês de Novembro, 18; doentes entrados durante o mês de Novembro, 8; saídos: melhorados, 4; nomesmo estado, 3; falecidos, 1.

Ficaram existindo no último dia do mês de Dezembro, 18; operações de pequena cirurgia: curativos feitos no Banco, 389; injecções aplicadas, 40.

26 de Janeiro a 4 de Fevereiro

Novena e festa do B. João de Brito

Celebram-se êste ano de 1940:

1.º — Para que os milagres propostos à S. Congregação dos Ritos, sejam aprovados.

2.º — Para que em Roma se termine ràpidamente o processo apostólico.

3.º — Para que a canonização do grande missionário português, se efectue como coroa dos centenários da Fundação e Independência de Portugal.

O Vice-postulador da causa roga instantemente que sejam oferecidas pelas intenções indicadas as Comunhões da primeira Sexta-feira, primeiro Sábado e Domingo, festa do Bemaventurado. Igualmente pede a todos os devotos do B. João de Brito, para auxiliar com seus donativos as avultadas despesas do processo e Canonização.

Nas capelas e igrejas da cidade de Guimarãis, a novena faz-se, nos dias indicados, com o seguinte horário:

Oliveira, 6 horas da manhã; S. Pedro, 6 horas da manha; S. Sebastião (Dominicas), 8 horas da manhã; Misericórdia, 8 horas da manhã; S. Francisco, 8 horas da manhã; Hospital, 5,30 da tarde; S. Domingos, 7,45 da manhã; Igreja do Campo da Feira, 8 da manhã.

Aos Domingos, Segundas e Quartas, antes da Bênção do SS. Sacramento.

Para informações e comunicações, dirigir-se a A. Montenegro, Seminário da Costa, Guimarãis.

Visado pela Comissão de Censura

Até onde isto chegou Santo Deus!

Com êste mesmo título publicou o «*Trabalhador*», em seu número de 15 do corrente, a local que a seguir transcrevemos para que os operários da nossa terra vejam com que galhardia aquêle nosso intrépido colega defende os justos direitos do operariado português. Ao denodado campeão dos humildes operários apresentamos, com os protestos da nossa maior consideração, os nossos vibrantes aplausos.

«Tendo chegado ao nosso conhecimento que os salários da indústria de cortiças, no distrito de Aveiro, eram tudo o que há de mais miserável, pedimos a quem nos podia informar com conhecimento de causa as informações convenientes.

Colhidas elas, verificamos o seguinte:

1.º — Há muitos operários adultos a receber **2$00 e 3$00 por 8 horas de trabalho!**

2.º — Alguns industriais, para fugirem aos salários mínimos estabelecidos, organizaram um sistema de empreitadas em certos serviços com remunerações tão baixas, que muitos operários não chegam a receber mais de 1$50 nas 8 horas de trabalho.

3.º — Os salários mínimos, há tempo publicados, nunca chegaram a ser postos em prática, a não ser durante pouco tempo, nas indústrias mais pobres.

4.º — Na semana seguinte à da publicação dos salários mínimos, algumas das maiores firmas fizeram, não sabemos com que intuito, reduções de salário ao seu pessoal.

5.º — A Emprêsa Industrial de Paços de Brandão paga a muito do seu pessoal 50 % menos do que a tabela de salários mínimos.

6.º — Muitas firmas usam uma fôlha de férias clandestina — a verdadeira — tendo outra — a falsa — para mostrar à fiscalização.

7.º — A Emprêsa Industrial paga a mulheres de 24 anos 2$00 por cada dia. Por ocasião do pagamento das férias paga a algum pessoal ao preço da tabela, mas na segunda-feira imediata tem os operários de devolver as importâncias convencionadas pela gerência.

8.º — Se, contudo, se preguntar aos operários se recebem o salário mínimos, dizem todos que sim.

Chamamos a atenção das Autoridades Corporativas e sobretudo da Junta Nacional da Cortiça — se é que ela também tem nas suas atribuïções olhar por estas coisas — para êste sudário que acima fica e que nem sequer queremos comentar.

Ao que se chegou, Santo Deus!»

Legião Portuguesa

Batalhão n.º 13

AVISO

Avisam-se todos os legionários do 1.º Têrço (Séde) do Batalhão n.º 13, que têm instrução no dia 28 do corrente, pelas 9 horas.

Quartel em Guimarãis, 16 de Janeiro de 1940.

O comandante do batalhão,

Ernesto Moreira dos Santos
Tenente.

DIREITO AO TRABALHO

(Continuação da 1.ª página)

cousa está em darmos legitimidade às reivindicações operárias de origem cristã.

O direito de igualdade perante a lei, que foi a conquista do século XIX, não basta: é insuficiente e é incompleta para a vida do homem. Teve o efeito de uma panacéa política — e jàmais uma solução económico-social.

Que importa que igualassem os indivíduos perante a lei, se os abandonaram às graves injustiças económicas — entregando-os, indefesos, a uma concepção de vida egoísta que os humilhou e perdeu?

Que importa que o comunismo, por sua vez, proclame a igualdade económica por meio da sovietização da riqueza e dos elementos de produção, se o homem, portador de iniciativas criadoras e de direitos naturais e invioláveis, que a colectividade e o Estado não poderão alienar, esquecer ou desprezar, tem, mais que o objectivo material, uma missão moral e uma finalidade espiritual a atingir?

O conceito de igualdade económica é, para os incautos, uma promessa talvez tentadora e a que a experiência chama uma fantasia falaz, um ardil engenhoso, conceito que devemos negar e repudiar pela falsidade que contém.

Eis porque para além de ambas queremos, como uma necessidade directa e verificada, uma necessidade absoluta e incorruptível, e (não o esqueçamos nunca) para garantia da conservação da Família, o direito de igualdade perante o trabalho seguido da remuneração justa.

Se o trabalho é a lei universal pela qual estamos virtualmente obrigados, por que motivos não havemos de colocá-lo no primeiro plano e à frente das nossas solicitações, fazendo dele, como faz também o facismo italiano, uma concepção integral?

No dia em que o direito ao trabalho deixe de ser *pensamento e desejo* para ser *execução*, em que for um *acto* e não uma *intenção*, uma *realidade viva* e não uma *idea*, uma *presença* e não uma *esperança*, no dia em que êsse direito for uma igualdade que se torne real e efectiva, poderemos, mas só então constatar que começamos emfim a ganhar a «grande batalha do futuro».

Que os timoratos não julguem que apresentamos uma reclamação agressiva ou inconseqüente: defendemos e reivindicamos um direito cristianíssimo: o trabalho como um direito e um dever social, uma necessidade humana e uma obrigação para todos nós, pois na sua base e no seu têrmo está a dignidade e a independência, e a transmissibilidade da vida do homem.

Por intermédio do trabalho conquistaremos ainda a liberdade de acesso, que poderá atingir, se as qualidades mentais e morais do trabalhador assim o permitirem, o mais elevado grau na hierarquia social.

FRANCISCO BRANDÃO.

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarãis

Sob a presidência do sr. António Pereira, secretariado pelos srs. Horácio Ribeiro Borges e Júlio Alves da Silvu, reuniu, no dia 14 do corrente, pelas 10 horas, a Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil do Distrito de Braga, com sede em Guimarãis, a fim de serem presentes aos srs. associados o Relatório e Contas da Gerência dêste Organismo Corporativo, referentes ao ano findo e ainda proceder-se-á à eleição dos Corpos Gerentes para o ano corrente.

Depois de ser aberta a sessão, o sr. Presidente, convidou o chefe da Secretaria, sr. João de Almeida Lopes, para dar início à leitura dos documentos acima, os quais, foram aprovados, por unanimidade.

Em seguida, procedeu-se à eleição aqui referida, tendo a assistência aprovada a seguinte e única lista:

Assembleia Geral — Presidente, António Pereira, debuxador; 1.º secretário, António José da Silva, tecelão manual; 2.º secretário, Joaquim Vaz, afinador.

Direcção — Presidente, Manuel Magalhãis, afinador; secretário, Manuel de Araújo, secção de acabamentos; tesoureiro, Francisco Gomes Alves Ferreira, tintureiro.

Substitutos — Presidente, Narciso Pereira Mendes, fiandeiro; secretário, Belmiro dos Santos Martins, apontador; tesoureiro, António Martins, tintureiro.

Como se verifica pelos nomes que fazem parte da nova Direcção, êles são os mesmos que vêm gerindo os destinos dêste Sindicato, durante o ano de 1939, a cujos nomes foram reiteradas as confianças que vinham merecendo, provando-se, portanto, os mesmos terem trabalhado em pról do Corporativismo a contento dos sindicalizados, que enalteceram as qualidades morais e materiais dos eleitos.

Por último e depois de serem imensamente ovacionados, aquela Assembleia Geral, integrada nas doutrinas corporativistas, propoz ao seu Presidente, a expedição dos telegramas abaixo transcritos, a Sua Ex.ª o Sr. Sub-secretário de Estado das Corporações e Previdência Social e ao Ex.mo Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência do Distrito de Braga, sr. dr. Henrique Cabral:

«Senhor Sub-secretário de Estado das Corporações Previdêncial Social — Lisboa — Excelêencia — Sindicato Nacional Operários Indústria Textil Guimarãis reunido hoje Assembleia Geral resolveu cumprimentar V. Ex.ª e agradecer carinho que vem dedicando classes trabalhadoras. Por último foi V. Ex.ª muito ovacionado pela assistência. — O Presidente.»

«Ex.mo Delegado Instituto Nacional Trabalho Previdência Distrito de Braga — Sindicato Nacional Operários Indústria Textil Guimarãis reunido hoje Assembleia Geral resolveu cumprimentar e agradecer V. Ex.ª seu interêsse dedicado classes trabalhadoras. Finalmente foi V. Ex.ª bastante ovacionado. — O Presidente.»

ELOQÜENTE!

Parece-nos que não haverá, entre os que nos conhecem, ninguém que não esteja absolutamente convencido de que o nosso nacionalismo está muito acima da mais leve suspeita, de que o nosso jornal não seja no concelho o mais estrénuo defensor dos princípios do Estado Novo Português. Nós, sem vaidade, julgamos ser situacionistas cem por cento e haverá até quem avalie o nosso nacionalismo em percentagem mais elevada.

Podemos pois afirmar ousadamente que, no nosso concelho, representamos os mais puros princípios da nova ordem portuguesa e, portanto, que quem fôr contra nós contra êles está também.

Não estranhamos pois que, devido a esta nossa atitude intransigente, o nosso jornal tenha sido devolvido por bastantes pessoas cujo nacionalismo não é dos mais arreigados. Algumas devoluções houve, porém, que nos causaram espanto.

E' indiscutível que defendemos aqui a doutrina do Estado Novo Português e a sua aplicação na prática; os homens, quer se digam ou não do Estado Novo, não os defendemos nem os atacamos; apreciamos-lhes os actos à luz dos princípios que professamos e defendemos. Nessa conformidade, sem nos preocuparmos se na Câmara estão amigos ou inimigos, temos aplaudido o que julgamos merecer aplausos e discordado do que nos parece quer em desacôrdo com os nossos princípios quer contrário aos interêsses do concelho.

Há pessoas que não admitem esta atitude de independência. Felizmente ela está em perfeita conformidade com aquêle sentimento de *dignidade humana* que o Estado Novo proclama!

Lêde e propagai "Ressurgimento"

Programa das Festas Comemorativas dos Centenários

3 DE JUNHO

A's 19 horas — Chegada do Senhor Presidente da República e sua comitiva a Guimarãis. A Câmara Municipal e a população aguardarão o Chefe do Estado no limite do concelho. O Chefe do Estado e sua comitiva serão hóspedes da cidade e alojar-se-ão no Castelo e no Palácio da Associação Comercial.

A's 22 horas — Toque de recolher junto às muralhas do Castelo. Velada de Armas até à alvorada do dia 4.

A Velada de Armas realizar-se-á da forma seguinte:

Em volta do Castelo, acendem-se doze fogueiras de acampamento; mais uma fogueira por cada tôrre, no interior do Castelo. Estas fogueiras arderão até à alvorada.

No interior do Castelo, em volta de uma outra grande fogueira constitue-se uma guarda de 60 homens que destaca uma sentinela por cada fogueira — e mais um homem encarregado de a alimentar.

As sentinelas são rendidas de hora a hora.

Os postos são numerados.

Durante toda a noite, até à alvorada, as sentinelas pela ordem de número de pôsto, bradarão o alerta.

Sentinela do Pôsto 1: Sentinela Alerta.
Sentinela do Pôsto 2: Alerta está.
Sentinela do Pôsto 1: Quem vive?
Sentinela do Pôsto 2: Portugal! Portugal! Portugal!
Sentinela do pôsto 2: Sentinela Alerta.
Sentinela do pôsto 3: Alerta está.
Sentinela do pôsto 2: Quem vive?
Sentinela do pôsto 3: Portugal! Portugal! Portugal!

E, pelo microfone da Emissora Nacional, o brado *Portugal! Portugal! Portugal!* será levado durante toda a noite, a todo o Mundo.

4 DE JUNHO

A's 6,30 horas — Alvorada no Castelo por clarins. Retirada da Guarda que velou. Ocupação do Castelo pelos guerreiros da Fundação.

A's 8 horas — Partida do «Cortejo das Flores», do Campo da Feira para o Campo do Salvador. Deposição das flôres junto às muralhas do Castelo. Concentração popular para a missa campal no campo do Salvador.

«O Cortejo das Flores» forma-se no Campo da Feira e é constituído por:

— Governador Civil do Distrito.
— A Câmara Municipal de Guimarãis.
— As Delegações oficiais.
— As escolas.
— As bandas de música.
— Os carros conduzindo as flores enviadas de todo o Império a Guimarãis, para serem colocadas junto do Castelo.
— O povo do concelho de Guimarãis.
— Os concorrentes da Corrida das Flôres do Império.
— Os forasteiros que tenham acudido ao apêlo para se encorporarem no Cortejo, com flores.

O cortejo sai do Campo da Feira e dirige-se pela rua de Santa Maria até ao topo Norte do Campo do Salvador. Torneia o Castelo e destroça, no regresso, no Campo do Salvador.

O primeiro ramo de flores será deposto junto à porta Norte do Castelo pelo Chefe de Estado e Govêrno e Presidente da Comissão dos Centenários.

As flores trazidas no Cortejo vão sendo sucessivamente depositadas nos socalcos do Castelo e, conforme uma ordem, tendente a atapetar completamente a base do Castelo, de forma a alcançar-se que as venerandas muralhas se ergam festivamente, de entre um tapete espesso de flores.

Será feito um apêlo aos Portugueses de todo o império, incitando todos os que forem a Guimarãis, a levar flores para depor no Castelo, os que não forem, a enviá-las por qualquer forma à Câmara Municipal que, por sua vez, as deporá. Para êsse fim será feito convite às Câmaras Municipais de todo o Império, aos Governos Civis, escolas, quartéis, organismos políticos e patrióticos e outras entidades.

Pretende-se que haja, nesse dia, junto do Castelo que foi berço de Portugal, flores de todo o Império, frescas ou ressequidas, em representação do altíssimo sentimento que neste dia ligará todos os Portugueses no Mundo Português.

A's 10,15 horas — Missa campal com orquestra e córos.

A Missa campal será rezada com tôda a solenidade após o desfile do «Cortejo das Flores», no altar tomado a D. João de Castela, na batalha de Aljubarrota — armado em frente da porta Norte do Castelo — frente ao Campo do Salvador, onde se erguerão as Tribunas do Chefe de Estado, Govêrno e elemento oficial. — Grande orquestra e córos. Alto-falantes assegurarão em todo o Campo do Salvador a audição.

A música, expressamente escrita para esta comemoração pelo maestro Frederico de Freitas, será rádiofundida para todo o Império em ondas médias e curtas.

A's 11,30 horas — Discurso do Sr. Presidente do Conselho para o Império Português.

O discurso que será pronunciado do alto da Tôrre Norte, sôbre a porta, será radiofundido para todo o Império e transmitido para o Campo do Salvador pelos alto-falantes.

A's 12 horas — Momento eucarístico da Pátria. O Chefe de Estado iça no alto da Tôrre de Menagem a primeira bandeira de Portugal.

Apoteose ao oitavo centenário da Nacionalidade em todo o Império. Comunhão das almas portuguesas em correspondência com a solenidade que terá lugar no Castelo, onde nasceu Portugal-Nação.

Os clarins tocam a sentido e impõem silêncio.

O Chefe de Estado, do alto da Tôrre de Menagem, iça, em alto mastro, a primeira bandeira de Portugal: a cruz azul sôbre quadrado branco.

Quando a bandeira chega ao cimo é saüdada por uma salva de artilharia. E, imediatamente, repicarão todos os sinos da cidade, salva a artilharia e infantaria, sobem ao ar morteiros e foguetes, explode o entusiasmo popular, gritam cornetas e sereias, são largados dez mil pombos. Reünidas, a grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e a banda da G. N. R., tocam a Portuguesa. Em tôdas as colinas, montes e outeiros que cercam Guimarãis, serão lançadas girândolas de foguetes.

Far-se-á um apêlo a tôda a população que se encontra no Campo Salvador, para erguer no ar, nesse momento, pequenas bandeiras de Portugal de 1140. Em tôdas as janelas da cidade a mesma bandeira será hasteada.

Em coincidência horária, e por meio de sinal radiofónico, cujas características serão transmitidas a partir de Abril para todo o Mundo Português pela Emissora Nacional — à mesma hora em que no Castelo de Guimarãis sobe a 1.ª bandeira de Portugal — repicam os sinos em tôdas as igrejas portuguesas de Aquém e de Além Mar e em todo o território do Império subirão foguetes e morteiros, salvará a artilharia dos navios de guerra no ponto em que se encontrarem, os côros escolares entoarão hinos, gritarão buzinas e sereias, as bandas de música tocarão o Hino Nacional e far-se-á a maior propaganda no sentido de se obter que a mesma bandeira que sobe em Guimarãis, seja hasteada no maior número possível de janelas e desfraldada em tôda a parte onde houver lugar.

Nos edifícios públicos serão hasteadas a bandeira Nacional e a bandeira da Fundação.

Nas Embaixadas, Legações e Consulados de todo o Mundo, perante as Colónias de portugueses no estrangeiro, e sempre à mesma hora, serão hasteadas as bandeiras Nacional e da Fundação.

Pretende-se — e decerto o desejam todos os portugueses — que seja êste o momento de maior emoção patriótica, vivido por Portugal, nos últimos cem anos.

A's 12,30 horas — Desfile do elemento oficial e do povo perante a tribuna do Chefe de Estado, no interior do Castelo de Guimarãis.

As portas Norte e Sul do Castelo serão abertas de par em par. Com entrada pela porta Norte e saída pela porta Sul, o elemento oficial e o povo desfilarão deante da Tribuna armada no interior do Castelo, onde o Chefe de Estado, acompanhado pelo Govêrno, receberá os cumprimentos dos romeiros de Guimarãis.

O desfile durará uma hora precisa.

Das 13,30 às 17 horas — Guimarãis em festa. Intervalo no programa para visita dos forasteiros à cidade engalanada, aos seus palácios, ruas e museus.

Tôda a parte antiga da cidade, com eixo na Rua de Santa Maria, estará festivamente decorada. Guimarãis é uma das mais lindas e artísticas cidades de Portugal — Verdadeira cidade-museu.

A's 22 horas — Representação, no Castelo de Guimarãis, do «Auto da Fundação de Portugal», original de Ramiro Guedes de Campos, pelos melhores artistas portugueses, em teatro da Natureza.

— Arraiais e festas populares na cidade.
— Concêrto pela banda da G. N. R.

O «Auto da Fundação de Portugal» foi especialmente escrito para esta Comemoração pelo poeta Ramiro Guedes de Campos, a convite da Comissão Executiva dos Centenários. Será representado, em cêna ao ar livre, junto à fachada Sul do Castelo, por um grupo dos melhores artistas portugueses.

A' mesma hora em vários pontos da cidade haverá arraiais — e a banda da G. N. R. dará um concêrto no Jardim Público (Largo 28 de Maio).

A's 23 horas — Saída do Cortejo Luminoso.

— Iluminação a barricas de alcatrão de todos os pontos culminantes que cercam Guimarãis.

A's 23,40 horas — Passagem do Cortejo em frente da porta Sul do Castelo. Iluminação do Castelo.

A's 24 horas — Apoteose pirotécnica das festas.

De todos os pontos culminantes que cercam Guimarãis, serão lançados simultaneamente, grandes peças de fôgo de artifício que se cruzarão no ar sôbre o Castelo — durante cinco minutos.

5 DE JUNHO

A's 10 horas — Partida do Senhor Presidente da República e de sua comitiva para o Pôrto.

Cumprimentos de despedida no limite do Concelho.

Guimarãis, dia 1 de Portugal!

EM 3, 4 E 5 DE JUNHO INICIAR-SE-ÃO AS FESTAS CENTENÁRIAS, COM AS FESTAS DA FUNDAÇÃO NA CIDADE-BÊRÇO. NAS TORRES DO NOSSO CASTELO AS SENTINELAS PASSARÃO A TODO O IMPÉRIO O GRITO: PORTUGAL! PORTUGAL! PORTUGAL! DUMA DAS SUAS TORRES FALARÁ AOS PORTUGUESES DE TODO O MUNDO, SALAZAR. NA SUA COLINA ATAPETADA DE FLORES, VINDAS DE TODAS AS PROVÍNCIAS, ERGUER-SE-Á O CASTELO, COMO SÍMBOLO DO REFLORIR PERPÉTUO DA MAIS VÉLHA NAÇÃO DA EUROPA.

COMO COROA DE MENAGEM, MOMENTO GRANDIOSO DE SANTIFICAÇÃO DUMA PÁTRIA, JUNTO ÁS PEDRAS SAGRADAS DO NOSSO CASTELO SERÁ REZADA A MISSA DA FUNDAÇÃO. A NOSSA BANDEIRA PRIMEIRA TREMULARÁ, COMO UMA SÓ, EM COMUNHÃO DE IDEA UNA, EM TODAS AS TORRES DE PORTUGAL, AO SOM DOS SINOS DO IMPÉRIO. MILHARES DE POMBAS LEVARÃO A BOA-NOVA, PARTINDO DO SOLAR DA PÁTRIA.

DE PARABENS

Referindo-nos à Avenida dos Pombais, dizíamos nós, em o número anterior do nosso jornal, que a ocasião era azada para se pedir a S. Ex.ª o Sr. Ministro das Obras Públicas a comparticipação do Estado, pelo Fundo do Desemprêgo, para a conclusão daquela artéria, que deve estar concluída por ocasião das Festas Centenárias. Mal diríamos nós que os factos viriam tam ràpidamente confirmar as nossas palavras. Mas foi o que aconteceu. Mal o nosso jornal fôra distribuído (desta vez com atrazo) chegou-nos a notícia, que os jornais do dia 18 confirmaram, de que Guimarãis havia sido contemplado com a comparticipação de 120 contos para conclusão da Avenida dos Pombais. Estão, pois, a cidade e o concelho, mais uma vez de parabéns. O Estado Novo não esquece Guimarãis.

Parece-nos que a obra a realizar está orçada em perto de 500 contos, e, sendo assim, a comparticipação não atinge os 25 %; mas assim mesmo é considerável e talvez não seja difícil conseguir que seja reforçada.

A ocasião é, efectivamente, magnífica; basta saber aproveitá-la.

VERAX.